

MOREIRA, Carina Maria Guimarães. Visões da aldeia em Barafonda: o desfecho de uma pesquisa. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Universidade Federal de São João del Rei, professora do Curso de Teatro.

## RESUMO

*A presente comunicação configura-se como uma apresentação dos resultados finais do doutorado intitulado “Encenação e Dimensão Política: uma ‘Barafonda’ na cena contemporânea” defendido em março de 2014, sob orientação da Profa. Dra. Beatriz Resende e com apoio da FAPERJ. A pesquisa propôs-se como uma análise/estudo do espetáculo Barafonda do grupo teatral paulista Cia São Jorge de Variedades, que estreou no ano de 2012, procurando pensar a relação entre o espetáculo, compreendido como produto artístico, e sua dimensão política, partindo do pressuposto que a dimensão política é fruto de um posicionamento intrínseco ao fator estético. Nesse sentido, procuramos compreender como se articula esse caráter político, não apenas impregnado na temática, mas também na forma, tendo como foco a encenação do espetáculo.*

**Palavras-chave:** *Encenação Contemporânea; Dimensão Política; Modo de Produção Teatral; Cia. São Jorge de Variedades.*

## ABSTRACT

*This present speech consists in a presentation on the final results of my doctorate research titled “Encenação e Dimensão Política: uma ‘Barafonda’ na cena contemporânea” (“Staging and Politic Dimensions: a ‘Barafonda’ in the contemporary scene”) defended on March 2014, under the guidance of Prof. Dr. Beatriz Resende and sponsored by FAPERJ. The research was proposed as an analysis / study of Barafonda’s play, from the theater group Cia Paulista Sao Jorge- which debuted in 2012 - trying to think the relationship between the play, understood as an artistic product, and its political dimension, starting from assumption that the political dimension is the result of an intrinsic aesthetic factor positioning. In this sense, we seek to understand how these political aspects are articulated, not just on the theme, but also in form, focusing on the staging of the show.*

**KEYWORDS:** *Contemporary Staging; Politic Dimension; Theatre Production mode; Cia São Jorge de Variedades.*

*Eu vivo em tempos sombrios.  
Uma linguagem sem malícia é sinal de estupidez,  
uma testa sem rugas é sinal de indiferença.  
Aquele que ri, é porque  
ainda não recebeu a terrível notícia.*

*Que tempos são esses, quando o  
falar de flores é quase um crime,  
pois significa silenciar sobre tanta injustiça?*

*(Trecho do poema “Aos que virão depois de nós” de Bertold Brecht)  
Em tempos sombrios ajudam-nos aqueles que souberam andar à noite. Entre  
corpos, escombros e embalagens, vive há milênios a pequena orquídea. E se os nossos  
próximos passos estão fadados à concretude, só nos resta caminhar para o passado,  
um passado que não nos foi contado, nem passado a nós. Mas que ainda temos nele a  
esperança, os mistérios, os sonhos e as nossas utopias. Cuidemos para que não  
pisemos nos que ainda resistem.  
(Fala do personagem Raphael Galvez no espetáculo Barafonda)*

A presente comunicação configura-se como uma apresentação dos resultados finais do doutorado intitulado “Encenação e Dimensão Política: uma ‘Barafonda’ na cena contemporânea” defendido em março de 2014, sob orientação da Profa. Dra. Beatriz Resende e com apoio da FAPERJ. A pesquisa propôs-se como uma análise/estudo do espetáculo Barafonda do grupo teatral paulista Cia São Jorge de Variedades, que estreou no ano de 2012, procurando pensar a relação entre o espetáculo, compreendido como produto artístico, e sua dimensão política, partindo do pressuposto que a dimensão política é fruto de um posicionamento intrínseco ao fator estético. Nesse sentido, procuramos compreender como se articula esse caráter político, não apenas impregnado na temática, mas também na forma, tendo como foco a encenação do espetáculo.

A grande inquietação para a pesquisa empreendida surgiu a partir do conhecimento acerca de um teatro que ocorre a contrapelo da realidade econômica e ideológica que vivemos em nossa época e do desejo de aproximação à esta experiência pela investigação. Na década de 1990, vivemos o ápice do pensamento neoliberal, um magnífico propulsor de pensamentos hegemônicos. Sua base ideológica operava (e ainda opera) na proclamação do individualismo e do empreendedorismo, sobretudo no campo dos direitos sociais. Tal ideologia neoliberal se concretiza provocando privatizações, desemprego, precarização do trabalho, juntamente à restrição dos direitos sociais, causando a crise de formas clássicas da representação coletiva, como é o caso dos sindicatos e dos movimentos sociais. Nesse contexto, assistimos aos discursos pós-modernos que anunciam o “fim da história”, acirrando o desacerto entre representação e realidade.

Na contramão de tal aparato capitalista, vemos o crescimento desse teatro experimental, que, em grande parte de sua produção, nos mostra a possibilidade de equalização entre discurso e realidade, um acerto de contas que busca nas novas formas de relação e experiência teatral uma linguagem que dialogue diretamente com essa realidade, além da demonstração, na sua forma de produção, da valorização do trabalho coletivo e da organização de

classe, corroborando com nossa hipótese de que a dimensão política é fruto de um posicionamento intrínseco ao fator estético.

*Barafonda* é um espetáculo itinerante, com quatro horas de duração, apresentando-se na rua e na sede da Cia. São Jorge de Variedades. Seu trajeto começa na Praça Marechal Deodoro, percorre as ruas do comércio e serviços do Bairro Barra Funda, adentra a sede do grupo, continua sua caminhada, atravessa a linha do trem e termina em um local que alude à memória do Bairro: casarões geminados, ausência de trânsito de carros, tudo iluminado por tochas e lampiões, gerando um ar nostálgico e singelo em meio à confusão da cidade. O espetáculo, que não possui um roteiro linear, debruça-se sobre a história do Bairro. Conduzido pelo personagem-herói Raphael Galvez (1907-1998) – um artista plástico que ali viveu – tem sua base dramaturgicosa em mitos de Prometeu e Dionísio, a partir das tragédias *Prometeu Acorrentado*, de Sófocles, e *As Bacantes*, de Eurípedes.

Com vinte e cinco atores e quatro músicos, o espetáculo *Barafonda* nasceu de um processo de pesquisa iniciado em 2010 pelo núcleo de atores que constituem a Cia. São Jorge de Variedades, conforme já foi dito. Estreando em maio de 2012, esse espetáculo configura-se como um produto artístico que se distancia dos modelos de criação e produção mercadológicos por apresentar um longo período de experimentações cênicas, lançando ênfase ao processo artístico em relação a seu produto.

Há uma crítica negativa, preocupada em desqualificar a arte que se pretende socialmente engajada. Dessa forma, é comum uma ligação feita ao teatro político como sendo "pouco elaborado esteticamente", estabelecendo uma divisória entre estético e político. Um dos argumentos em que se pauta tal crítica é o de que: ao forjar-se como uma arte política a obra não alcança a devida crítica e análise social (porque foge de sua particularidade), como também não se realiza em sua plenitude na experiência estética. Esta pesquisa, ao analisar o espetáculo *Barafonda*, dando ênfase à sua dimensão política, almeja um tipo de análise na qual a obra, e conseqüentemente o artista, não se separam do mundo que os circundam; ao contrário, o utilizam como matéria e forma de expressão e crítica. Nesse sentido, buscamos como norteador o conceito de "estrutura de sentimento" de Raymond Williams, por compreender que a cultura deve ser entendida como um "modo de produção material", um conteúdo histórico por natureza, que soma a experiência e o pensamento de determinada época nos traços, especialmente de obras artísticas. Assim, a cultura liga-se às formas de práticas e hábitos sociais e do pensamento, criando uma relação entre os fatores que são internos e externos à obra, não separando-se, na própria obra, sua forma e seu contexto social.

*Relacionar uma obra de arte com qualquer aspecto da totalidade observada pode ser, em diferentes graus, bastante produtivo; mas muitas vezes percebemos na análise que quando se compara a obra com esses aspectos distintos, sempre sobra algo para que não há uma contraparte externa. Este elemento é o que denominei de estrutura de sentimentos, e só pode ser percebido através da experiência da própria obra de arte. (WILLIAMS apud CEVASCO, 2001: 152).*

Dessa maneira, busquei uma análise que ressaltasse as escolhas formais e estéticas em confronto com os conteúdos históricos e sociais, visando a um entendimento mais ampliado do fazer artístico em relação à sua realidade material, mantendo, assim, concordância com a autora Maria Elisa Cevasco no prefácio do livro *Panorama do rio vermelho* de Iná Camargo:

*Como se sabe, Williams cunhou este termo [estrutura de sentimento] para resolver o problema analítico da prevalência de certas convenções e formas em certos períodos, prevalências que não podem ser explicadas pelos termos das análises correntes. As análises formalistas, para ficarmos apenas no campo mais vicejante da crítica americana, via de regra falham em explicar ou teimam em esquecer que as convenções e as formas, e isso para não falar dos temas, não surgem ou permanecem, devido a processos puramente internos de transformação, mas são resultado de escolhas feitas por artistas historicamente situados e em resposta a situações que não são estritamente artísticas. (CEVASCO apud COSTA, 2001: p.14)*

Os caminhos teóricos propostos, abordando os estudos sobre o teatro político e sua relação com o real; a tragédia clássica e a moderna; e ainda as vias da memória e da ancestralidade; levou-me a analisar os meandros da dimensão política por meio da investigação da obra, e conseqüentemente, da própria Companhia. Se por um lado a própria pesquisa me levou a perceber o quanto o trabalho de análise formal é chave para o entendimento dessa dimensão política, por outro mostrou que esse trabalho, na verdade, só se completa quando procura-se compreendê-lo, não apenas no campo do estético, mas extrapolando suas fronteiras. Tal ponto ficou claro quanto à importância da organização de classe gerada pelo movimento *Arte contra a barbárie*, ou mesmo na relevância da organização do trabalho no seio da Companhia, não apenas em *Barafonda*, mas em toda produção teatral desta e de muitas outras companhias paulistas atuais.

Dessa maneira, foi possível atestar que, neste teatro que investigamos, a dimensão política não é algo isolado ou que se estabeleça apenas no campo do discurso – "atrapalhando" o campo do estético, como o senso comum às vezes promulga –, mas está intimamente intrincada em todas as relações que envolvem a produção artística, tanto materiais quanto ideológicas, fazendo-se presente em todo o corpo do fazer teatral.

Feliz com a trajetória, mas também a conclusão da pesquisa – não seu fim, pois a mesma continua, agora como docente, e ainda em diálogo com a produção teatral paulista e com a Cia. São Jorge de Variedades – termino com uma breve saudação, um trecho do espetáculo, que traz à tona a alegria e a empreitada de se colocar a contrapelo das certezas hegemônicas, respondendo, numa resposta nunca definitiva, mas construída no dia a dia de luta, à pergunta lançada pelo próprio espetáculo: Por que você ainda canta?

**Coro dos Privadas** – o que vocês estão fazendo?

**Mãe** – Viemos plantar a bananeira.

**Coro Dioniso** - Viemos plantar a bananeira.

**Coro dos Privadas** – Plantar uma bananeira no meio de uma rotatória?

**Coro Dioniso** - Na tabuada das candongas a verdade é uma só, semente sem a terra acaba vira pó.

**Coro dos Privadas** – Não estamos entendendo. Vocês estão quebrando a rua. Vão plantar noutra lugar!

**Dioniso** – Aqui não tem maldade, aqui não tem feitiço. Meus fiéis satisfaça sempre, faça sol, chuva, chuveiro.

**Mãe e coro** – Se dançar é preciso, e saiba que preciso é, em caco ou em coro, aos saltos, evoé!

**Coro dos Privadas** – Como assim, o senhor pode parar com essa cantoria ... (a música pára) ... e responder direito?

**Dioniso, mãe e coro** – Cantamos porque o rio está soando / e quando soa o rio, soa o rio / cantamos porque o grito só não basta / e já não basta o pranto nem a raiva / cantamos nossa reza, nossa prece / cantamos porque o sol nos reconhece / e nesse talo, naquele fruto / cada pergunta tem a sua resposta...

**Coro dos Privadas** – Eu moro aqui há mais de cinquenta anos, vocês estão destruindo esse lugar que eu amo.

**Dioniso, mãe e coro** – Nós também estamos aqui há muito tempo... Nós também estamos aqui há muito tempo... Nas quebradas do mundaréu não tem atalho, todo bárbaro manja esses trabalhos...mas outros são assim, esperto ao contrário, ao contrário.

**Coro dos Privadas** - Essa terra que a senhora quer não existe mais.

**Dioniso, mãe e coro** – A terra está aqui.

**Coro dos Privadas** - Essa rotatória é uma via pública organiza o trânsito, evita acidentes. Essa é a grande verdade! – Insetos! Vândalos. Desocupados. Vagabundos. Arruaceiros.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

COSTA. **Panorama do Rio Vermelho**. São Paulo: Nankin editorial, 2001.

#### **MATERIAL DA CIA. SÃO JORGE DE VARIEDADES**

CIA SÃO JORGE DE VARIEDADES. **Roteiro Barafonda**. Texto do Espetáculo Barafonda cedido pelos membros da Cia São Jorge de Variedades. 2012.